

LUTAS E SURFE NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR¹

VICENTE PIACENTINI PORT

Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina

RAFAEL MARQUES PRAZERES

Acadêmico do curso de Licenciatura em Educação Física da
Universidade Federal de Santa Catarina

DR. FÁBIO MACHADO PINTO

Doutor em Ciências da Educação pela
Universidade de Paris Vincennes-Saint-Denis
Professor do Departamento de Metodologia do Ensino da
Universidade Federal de Santa Catarina

Resumo | Analisamos a experiência de ensino da Educação Física, no sétimo ano do ensino fundamental em uma escola municipal de Florianópolis. Considerando o contexto histórico e social, desenvolvemos atividades com o sentido de estimular uma consciência coletiva, histórica e ecológica das práticas Surfe e Lutas. A ilha de Santa Catarina é cercada de praias, onde temos a presença da cultura do surfe e das lutas, o que legitima o ensino dessas práticas nas escolas públicas. A importância de elementos históricos, sociais e culturais, bem como o vasto repertório de técnicas corporais que ambas as práticas proporcionam fizeram dessa experiência de ensino um momento de formação humana, prazeroso e rico em reflexões e aprendizagens.

Palavras-chave | Surfe, Lutas, Educação Física.

1. Este artigo resulta do Trabalho de Conclusão de Estágio elaborado a partir de aulas ministradas para a turma 71 (sétima série do período matutino) da escola EBM Beatriz de Souza Brito, por alunos do Curso de Educação Física – Licenciatura da UFSC referente à disciplina de Estágio Supervisionado em Educação Física Escolar I, em Florianópolis-SC, no segundo semestre do ano de 2012.

INTRODUÇÃO

O Judô e o Surfe são práticas corporais que dificilmente são ministradas nas aulas de Educação Física em escolas públicas da rede de ensino de Florianópolis. Elas exigem uma formação específica que também é difícil de encontrar nos cursos de formação de professores.² Foram, principalmente, nossas experiências anteriores a formação universitária, o nosso próprio repertório corporal, que nos permitiu inovar e implementar o seu ensino no sétimo ano do Ensino Fundamental, proporcionando aos escolares um aprendizado novo e cativante.

Florianópolis é uma ilha com muitas praias que apresentam boas condições para a prática do Surfe, com frequência organizam-se campeonatos de nível regional, nacional e internacional. O Judô constitui-se num esporte de tradição no município, onde temos diversos títulos nas diferentes edições dos Jogos Abertos de Santa Catarina - JASC. Ambas as práticas possuem federações bem estruturadas e, frequentemente, seus atletas figuram em competições nacionais e internacionais. Além disso, o ensino do Surfe e do Judô proporciona a possibilidade de trabalhar princípios e valores importantes como o conhecimento e respeito às tradições antigas, ao mestre e ao mar, bem como a conscientização ecológica, cuidados com o ambiente e com os outros. Nosso principal desafio foi introduzir essas práticas na escola e *mobilizar* os alunos a aprendê-las, fundamentando nosso trabalho numa proposta pedagógica que compreenda *as relações com os saberes e as práticas corporais* (CHARLOT, 2000), e que contextualize os saberes escolares do ponto de vista histórico e social. (COLETIVO DE AUTORES, 1992)

CONJUNTURA ESCOLAR E AS AULAS DE EDUCAÇÃO FÍSICA

Os alunos são, em geral, filhos de moradores do bairro. Possuem trajetórias escolares e origem social diversas. A escola também destaca-se pelo excelente IDEB -Índice de Desenvolvimento da Educação Básica

2. No caso do surfe, a situação é ainda mais precária, pois a modalidade sequer consta como disciplina na grade do curso de licenciatura em Educação Física da UFSC, onde somos formados.

(6,1)³ e por possuir um corpo docente qualificado, com formação de doutorado e mestrado. Além disso, a proximidade com a Universidade Federal de Santa Catarina faz da Escola uma instituição privilegiada pela interação com o ensino superior. A Educação Física possuía na época do estudo três professores ACTs (temporários) e um efetivo, readaptado. Esses professores, recém-formados no curso de Educação Física da UFSC, apresentavam um comprometimento pedagógico, apesar de não haver uma proposta pedagógica clara e elaborada por parte dos mesmos. No entanto, bem diferente do que estamos acostumados a encontrar nas escolas do município, a figura do “rola bola” - professores que abdicam da sua tarefa de ensinar para simplesmente ocupar o tempo.

O ensino do futebol, voleibol e handebol pela professora de Educação Física da turma 71, onde observamos e realizamos nossa experiência docente (estágio supervisionado), costuma iniciar as aulas com a prática dos fundamentos de cada modalidade. São propostos diferentes mini-jogos com regras adaptadas. Depois, é realizado o jogo propriamente dito. A turma possui 31 alunos, de 12 a 14 anos. Dois grupos, um formado por meninos e outro por meninas, são bastante ativos e participativos, desde que a atividade lhes interesse. Um terceiro grupo é formado por meninos e meninas que se autoexcluem das aulas, alegando que os colegas não os deixam participar e que caçoam deles por falta de habilidade esportiva. A professora mantém uma rotina semanal, ela ensina os fundamentos do mais simples para o complexo. Os alunos são constantemente motivados, auxiliados, orientados e, quando se excluem, são chamados a prestarem atenção. Existe conteúdo nas aulas, são as regras e os fundamentos dos esportes. A professora também se preocupa com o bom comportamento dos alunos e atitudes de indisciplina não passam despercebidas pela professora, que conversa com os alunos e leva o assunto ao conhecimento da equipe pedagógica quando necessário.

3. O Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (IDEB) é um indicador criado pelo governo federal para medir a qualidade do ensino nas escolas públicas.

PROPOSTA DE ENSINO DO JUDÔ E DO SURFE

A proposta de ensino Crítico-Superadora entende a cultura corporal como o conhecimento da educação física e o professor como o mediador da sua aprendizagem pelos escolares. Nesta proposta os alunos são orientados a estudar, refletir e compreender a relevância social dos conteúdos estudados nas aulas. O sentido e o significado das práticas corporais estão relacionados à realidade social concreta e oferecem subsídios para a compreensão sócio-histórica do aluno, particularmente sua condição de classe (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 31).

É preciso que cada educador tenha bem claro: qual o projeto de sociedade e de homem que persegue? Quais os interesses de classe que defende? Quais os valores, a ética e a moral que ele elege para consolidar através de sua prática? Como articula suas aulas com este projeto maior de homem e de sociedade? (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 26)

Segundo Coletivo de Autores (1992 p. 35), no terceiro ciclo, ou seja na sétima série, temos a iniciação dos processos de sistematização do conhecimento. Em suas palavras:

O aluno amplia as referências conceituais do seu pensamento; ele toma consciência da atividade teórica, ou seja, de que uma operação mental exige a reconstituição dessa mesma operação na sua imaginação para atingir a expressão discursiva, leitura teórica da realidade. O aluno dá um salto qualitativo quando reorganiza a identificação dos dados da realidade através do pensamento teórico, propriedade da teoria.

O estudo do Surfe e do Judô possibilita essa ampliação, mas como realizá-la quando estes conteúdos encontram-se ausentes nos processos de escolarização? Isso significa que os alunos possuem capacidade intelectual de refletir e se apropriar de diferentes formas dos conteúdos, mas nesta prática específica teríamos que introduzir processos de ensino elementares, que possibilitassem entrada e mobilização dos alunos nas aulas de surfe e lutas. Procuramos promover a reflexão sobre conceitos e práticas, suas filosofias e histórias, articulando lutas e surfe através de temas transversais: ecologia, saúde pública, segurança, entre outros.

Buscamos desenvolver e problematizar os significados, sentidos, relações, motivações e tendências a fim de envolver e despertar a curiosidade dos escolares. As práticas corporais são permeadas de significado/sentido, despertando maior ou menor interesse de cada aluno, sempre relacionado com suas trajetórias de vida e experiências pessoais. No caso de práticas corporais individuais, esportivas ou não, qual a melhor maneira de abordá-las? Buscamos despertar o interesse dos alunos pela história e o valor social e cultural de cada prática, bem como promover uma reflexão sobre as possibilidades de popularização das mesmas. Trata-se de estudar e promover um Surfe e um Judô *da* escola. Para isso, pensamos os espaços físicos e constatamos que não é adequado para nenhuma das duas práticas, principalmente no caso do Surfe, onde o simples deslocamento para a praia mostra-se uma tarefa das mais difíceis, devido aos temores da ocorrência de acidentes fora do ambiente escolar, mas também porque muitas crianças e suas famílias moram “ilhados numa ilha”, ou seja, não conhecem as praias.

A prática do surfe proporciona o conhecimento do mar, da natureza e seus perigos, desenvolvendo assim, técnicas e valores que podem salvar sua vida e de outras pessoas. A relação homem/natureza parte do princípio da observação. Princípio esse, pai de todas as ciências. Um pescador conhece o mar, o tempo, e tem técnicas peculiares para prever as condições climáticas. Muitas dessas técnicas foram absorvidas pelos surfistas, bem como o respeito e a humildade diante do oceano, a persistência diante da arrebentação, a resiliência e superação diante de uma tentativa frustrada, a capacidade de se adaptar diante das diferentes praias/ondas/dias, o autocontrole diante das situações de risco (nos dias de mar grande e/ou de fortes correntezas, quando perde a prancha ou até em posse da mesma), a paciência diante da espera para escolher a onda certa, e o amor pela vida e pela natureza.

No Judô, o aluno incorpora capacidades e atitudes que o levam a saber cair e levantar, não apenas de uma forma prática e técnica, mas também simbólica, despertando valores como a perseverança e humildade. O respeito diante do oponente (que pode ser um amigo/colega de treino)

e, principalmente, o respeito à tradição do jogo/luta, leva a resiliência, no sentido de superar suas limitações e avançar na evolução da prática e do conhecimento.

Acreditamos que a prática do judô e do surfe na escola poderiam desenvolver a autoconfiança nos alunos, fortalecendo valores que levam à formação de indivíduos livres e críticos. *“Cabe-lhe formar o cidadão crítico e consciente da realidade em que vive, para poder nela intervir na direção dos seus interesses de classes.”* (COLETIVO DE AUTORES, 1992, p. 36) Além disso, ambas as práticas possuem um repertório de técnicas e estratégias de jogo que por si mesmo se justificam como conteúdos importantes para a vida em suas mais diversas manifestações, trabalho, lazer, etc.

DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DIDÁTICO-PEDAGÓGICOS

Nossa experiência foi dividida em módulos de Judô e Surfe. Estabelecemos uma relação entre as duas práticas, num primeiro momento no sentido filosófico e na formação de valores, e posteriormente no sentido prático, em que a queda do Judô, por exemplo, se mostrou uma técnica adequada quando o surfista, já na beira do mar, finaliza sua onda e cai da prancha em locais rasos, evitando acidentes. Estas relações foram estabelecidas no planejamento das atividades, quando nos deparamos com a tarefa de estabelecer vínculos entre as duas práticas aproveitando os fundamentos de ambas de forma integrada.

Para as aulas de Judô começamos mostrando a diferença entre brigas e lutas. Nosso objetivo era demonstrar a importância das regras nas lutas e estabelecer acordos com os alunos sobre nossas aulas. Uma menina surpreendeu a todos vencendo até mesmo os meninos mais fortes, o que possibilitou que refletíssemos sobre a importância do uso da técnica no aprendizado das práticas corporais.

Como introdução ao conteúdo, analisamos um vídeo sobre os atletas brasileiros medalhistas do Judô nas Olimpíadas de Londres 2012. Falamos das trajetórias de grandes superações e mostramos algumas lutas,

explicando conceitos do Judô como a derrubada, as saídas e técnicas de queda, ou seja, das técnicas que permitem cair sempre de pé ou de frente para o tatame. Acreditamos ter despertado a curiosidade dos alunos pela luta como uma prática que não se restringe ao esporte, mas pode ser utilizada em outros contextos, como foi aplicado ao surfe posteriormente.

Nas primeiras aulas trabalhamos a queda e a levantada. Os alunos começavam sentados no chão, levantavam e saíam correndo até o outro lado da quadra. Observamos a maneira como levantavam e aos poucos fomos apresentando elementos técnicos para facilitar e dar mais dinâmica ao exercício. Numa aula seguinte, no tatame, ambiente novo para a maioria, com exceção de um aluno. Falamos da tradição de respeito ao Dojô – local de treino ensino/aprendizagem - e com seu adversário (que muitas vezes será seu colega). A maior dificuldade foi convencer os alunos a tirar os calçados e subir no tatame, pois a maioria ficou pouco à vontade ou sem motivação no começo da aula. Sentamos todos ao redor e lentamente fomos conduzindo a turma a se soltar e tirar os calçados. Aos poucos os alunos foram ganhando confiança e perdendo a timidez, colocando primeiro o pé esquerdo, depois o direito e fazendo a saudação. Depois eles caminharam lentamente, sentindo a textura do novo piso. Isso nos permitiu demonstrar e praticar algumas técnicas como as formas de posicionamentos básicos, a caminhada com os pés arrastando no tatame e as posições de expectativa. (BSBT71A08)⁴

O primeiro jogo no novo ambiente consistia em tocar o ombro do colega, que devia esquivar-se do toque e vice versa. Meninos e meninas participaram, mas grande parte da turma não ficou à vontade (BSBT71A09). Outros jogos foram experimentados fora do tatame, como uma atividade que tinha um pegador e um fugitivo que estariam de pé, enquanto os outros permaneceriam sentados; conforme o fugitivo

4. Todas as aulas do estágio foram registradas tendo como referência um protocolo estabelecido no começo do semestre letivo. Estes registros ganharam um código como a seguir BSBT71A08. As três primeiras letras indicam a escola, a quarta letra e os dois algarismos definem a turma, e a última letra e os dois últimos algarismos indicam a aula. Este código é usada para ocultar informações confidenciais e facilitar o trabalho de análise realizada no programa de tratamento de dados MODALISA, 2012.

sentasse ao lado de um colega, este deveria levantar-se e se tornaria o novo fugitivo. Os elementos do Judô estavam ali expressos, como levantar e sentar/deitar rapidamente (BSBT71A11).

Os conteúdos apresentados na primeira aula foram recuperados no final desse módulo. Nove princípios do judô foram apresentados aos alunos, como por exemplo, “conhecer-se é dominar-se e dominar-se é triunfar”, “quem teme perder já está vencido”, etc. (DOS SANTOS, 2009, p.47) Por fim, pedimos que os alunos realizassem uma pesquisa sobre os gastos necessários para aprender Judô: o preço do quimono e da mensalidade de aulas nas escolas da capital. Poucos foram os alunos que entregaram o trabalho solicitado.

Para as aulas de Surfe começamos dando um breve histórico que nos remeteu ao início do surfe no mundo, no Brasil, em Florianópolis. Essa aula contou ainda com a apresentação de um vídeo de surfe feito com imagens de uma viagem do estagiário para o norte do Peru. O objetivo era de mobilizar os alunos à aprendizagem da prática, aumentando a confiança. No final dessa primeira aula, solicitamos uma pesquisa sobre a Pesca da Tainha⁵ e sua relação com o Surfe, com intuito de aproximar ainda mais o conteúdo com a realidade (BSBT71A14).

Nas primeiras aula os alunos pediam para jogar bola. Foi então que surgiu a ideia de propor uma atividade inventada pelos estagiários. Formamos duas colunas com dois colchonetes a sua frente. Um aluno ficava sentado num colchonete e o outro lançava uma bola por trás, lentamente, na lateral do colega. Ao ver a bola passar, o colega se levantava indo ao seu encontro, fazendo o controle e depois o arremate a gol. Depois, pedimos para os alunos se deitarem no colchonete na posição de remada do Surfe e a levantada simulava a chegada de uma onda e subida em pé na prancha. (BSBT71A15).

5. Atividade cultural realizada pelos pescadores em Santa Catarina nos meses de junho e julho, que tem garantido por lei o uso das praias, proibindo o banho e as práticas esportivas, menos em locais definidos a priori.

Ir até o mar, “pegar onda”, não são práticas rotineiras nas escolas públicas, muito pelo contrário, exigem uma grande logística e organização por parte de professores e alunos. Por isso, a maioria das aulas de surfe aconteceram na escola. Antes de ir para a praia, para ter aula no mar, realizamos diversas atividades, o que foi interessante para constatar que as aulas de surfe não precisam ser todas na praia. A primeira foi uma aula de equilíbrio, na qual utilizamos quatro aparelhos improvisados por nós, visto que a escola não possui estrutura para o ensino do Surfe: *o balanço em forma de prancha* de surfe, o *surf-base*, o *slackline* e a *bola suíça*.⁶ Os alunos passavam por todos os aparelhos. O balanço em forma de prancha de surfe foi pendurado em uma árvore e deixava o aluno suspenso, sendo que este podia se segurar nas cordas para simular manobras em pé. A fita *slackline* ficava entre duas árvores e os alunos exercitavam o equilíbrio, experimentando a sensação de estar suspenso em uma corda flexível e que permitia saltos. Nessa atividade, os alunos contavam com a colaboração dos colegas, que ajudavam nas laterais da corda quando um deles perdia o equilíbrio. O *surf-base*, uma pequena prancha de madeira sobre um rolo, permitia aos alunos deslizarem para frente e para trás. Por fim, uma bola suíça também proporcionava situações de desequilíbrio. Os alunos se envolveram na exploração dos aparelhos, experimentando e testando as suas habilidades e seus medos.

Outra aula foi na sala de vídeo, onde apresentamos um filme documentário de Surfe sobre o atleta Figue Diel, que é excelente surfista, professor de Ioga e lutador de Jiu Jitsu. Durante o filme, os alunos ficaram admirados com as habilidades do atleta, mas somente no final do documentário é que perceberam, que além de tudo, se tratava de uma pessoa deficiente visual. O filme sensibilizou a turma e despertou ainda mais o interesse pelo Surfe (BSBT71A18).

Mais um dia de aula na quadra e pudemos realizar mais exercícios que simulavam a remada, subida na prancha e queda na água. Com

6. São equipamentos inventados na escola ou já consagrados como práticas semi-esportivas e que auxiliam na prática de outros esportes, como é o caso do Surfe.

uma formação em círculo, os alunos sentados no colchonete seguiam as orientações de alongamento e pré-aquecimento articular, conduzido pelo estagiário ao centro. Nessa aula, já era possível perceber a diminuição da ansiedade e da tensão diante de uma atividade diferente daquela a que esses estavam acostumados. O estagiário conseguiu explicar com toda a calma duas formas diferentes de subir na prancha, fazendo primeiramente com todos ao mesmo tempo e depois um a um. O pulo é o movimento no qual o surfista salta da posição em decúbito ventral direto para a posição de pé; e uma segunda opção, no caso do aluno não conseguir realizar o pulo, consiste em manter o pé de trás na prancha, estender os cotovelos afim de criar espaço para que o pé da frente passe entre os dois braços e se coloque entre eles e, em seguida, levantar tirando as mãos da prancha e puxando o pé detrás simultaneamente e firmando a base. (BSBT71A19).

Uma aula teórica anterior à saída para a praia foi realizada com a ajuda do Grupamento de Busca e Salvamento (GBS) de Florianópolis. Dois oficiais e um soldado apresentaram um filme e refletiram com a turma sobre o tema “salvamento aquático”, os riscos, perigos, sinalizações e precauções do ambiente de praia. Essa atividade se mostrou muito interessante pelo seu caráter preventivo, nas vésperas do verão (BSBT71A20).

Finalmente, realizamos a tão esperada aula no mar. Preparamo-nos uma semana antes, solicitando autorização dos pais, comunicando aos demais professores, organizando a agenda de todos e garantindo um transporte seguro para o traslado. A aula contou com a colaboração da Escola de Surfe do Campeche, através do professor e proprietário Carlos Francisco de Oliveira. Assim, a aula se deu como relatamos a seguir:

Começamos com um aquecimento na areia. Usamos a atividade de pega-pega, na qual os alunos ficavam deitados em decúbito ventral, distribuídos em quatro fileiras ao redor de um círculo desenhado na areia. O pegador e o aluno que fugia não podiam sair desse círculo. Com seis pranchões de tamanho 9 pés, dividimos a turma em três grupos. Antes de entrar na água, era feita uma breve explicação sobre alguns cuidados e regras de segurança e algumas repetições práticas do salto e/ou das técnicas de subida no pranchão. Dentro d'água, o objetivo era que eles surfassem na espuma e ficassem o máximo de tempo em cima da prancha. Alguns tiveram dificuldades e tivemos que repassar o procedimento da levatada dentro d'água (com o professor segurando a prancha), esses logo em seguida conseguiram realizar o Drop (manobra de descer a onda). No caso de uma aluna, que não estava conseguindo levantar, decidi colocá-la já de pé na prancha e empurrá-la na onda, ela foi muito bem e se divertiu bastante, e posteriormente conseguiu

realizar a subida. No caso de outro escolar, coloquei de pé direto também, mas esse aluno está numa fase de crescimento na qual suas pernas se desenvolveram mais que os braços, o que dificulta a passagem da perna por entre os braços (isso é comum em algumas pessoas durante a fase de crescimento, já tive vários alunos assim e sempre se dá um jeito). Acho que o objetivo da aula foi alcançado, todos experimentaram o surfe e se divertiram bastante. A maior satisfação que posso descrever aqui (e nesse momento me emociono ao relembrar), é de uma aluna me dizendo: “A sensação é muito boa”, com aquele sorriso maravilhoso que só quem já experimentou o surfe sabe do que estou falando. (BSBT71A22)

CONCLUSÃO: “PODEM ATÉ DIZER QUE SOMOS SONHADORES”

A importância de elementos históricos, sociais e culturais, bem como o repertório de técnicas corporais que o Surfe e o Judô proporcionam fizeram desta experiência um momento de formação humana, prazeroso e rico em reflexões e aprendizagens. O ensino do surfe e judô, que não fazem parte das práticas tradicionalmente presentes na escola é um desafio que coloca os alunos numa zona de desconforto. Por outro lado, quando conseguimos fazer os alunos entrarem nas atividades provocando pequenas aprendizagens, despertamos uma certa curiosidade e interesse, assim como uma nova relação é estabelecida entre o escolar e a prática corporal.

A proposta crítico-superadora foi estudada, testada, modificada, adaptada. Não a usamos como “receita de bolo”. Ela nos fez refletir sobre quem queremos formar e que modelo de professor desejamos realizar. Neste sentido, buscamos realizar uma formação para o exercício pleno da cidadania, para uma visão crítica de sociedade e de sujeito dos processos. Os alunos tendem a se afirmar enquanto indivíduos e sentem o peso da exposição, tornando muito difícil, do ponto de vista emocional, a realização de algumas tarefas solicitadas a eles pelos estagiários, coisas simples como, por exemplo, quando solicitados a deitar em decúbito ventral para algum exercício de subida na prancha de surfe, ou quando se faz necessário que retirem seus sapatos. Verificamos que, ao aprender as técnicas corporais que lhes permitem participar do Judô e do Surfe, os alunos se sentem *mobilizados* a entrar em novas tarefas propostas, ganham confiança e, finalmente, aprendem. (Charlot, 2000)

Algumas aulas foram conturbadas e se transformaram em “guerras” de bolinhas ou colchonetes. Mas o que podemos esperar dos jovens? Nossa postura foi sempre a do diálogo e da reflexão sobre as consequências das ações individuais em ambientes coletivos. Uma pedagogia da *consequência*, que busque promover a reflexão e que permita que os jovens sejam cada vez mais responsáveis pelas suas próprias escolhas. O Judô e o Surfe permitiram esse tipo de reflexão, pois são práticas que expressam a liberdade de cada um e a sua responsabilidade frente às suas escolhas. De acordo com Sartre (1987, p. 06) “*O homem nada mais é do que aquilo que ele faz de si mesmo [...] aquilo que se projeta num futuro e tem consciência de estar se projetando num futuro [...] é um projeto que se vive a si mesmo subjetivamente [...] escolhendo-se, ele escolhe todos os homens.*”

REFERÊNCIAS

CHARLOT, B. **Da relação com o saber. Elementos para uma teoria.** Porto Alegre: Artmed, 2000.

DOS SANTOS, S. G. **Judô: Filosofia Aplicada.** Florianópolis: Editora UFSC, 2009.

SARTRE, J-P. **O existencialismo é um humanismo.** 3ª edição, São Paulo: Nova Cultural, 1987.

COLETIVO DE AUTORES. **Metodologia do Ensino de Educação Física.** São Paulo: Cortez, 1992.

Recebido: 03 junho 2013
Aprovado: 22 agosto 2013
Endereço para correspondência:
Vicente Piacentini Port
Servidão Arvoredo, 149
Campeche
Florianópolis – SC
CEP: 88063-120
vicentepiacentinip@hotmail.com